



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVULGAÇÃO PÚBLICA

ESPECTÁCULO TEATRAL

IDENTIFICADOR 15.434 TÍTULO 12 DE AGOSTO DE 1988 DATA 17 DE AGOSTO DE 1988

TÍTULO DEVENTURAS DE UMA SEATA

AUTOR JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA NETO

14 IMPROPRIO PARA
MENORES DE
QUATORZE ANOS

CONTÉUDO DE INFLUÊNCIA
INTIMIDADE DE RELAÇÃO
SEXUAL

RAYMUNDO ALBUQUERQUE DE SÁ PEREIRA
Diretor da DCP
BRASÍLIA

TÍTULO DEVENTURAS DE UMA SEATA

TÍTULO PEÇA TEATRAL

IDENTIFICADOR 15.434

IDENTIFICADOR DE AUTORIA

AUTOR JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA NETO ***MACED/AL***

IMPÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDIÇÃO DE
AD ELENCO DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO NÃO TEM VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA
DCP.

VILMA HELENA SAUER DAMASCENO
Chefe de SE - DCP - Subst.

Brasília, 17 de AGOSTO de 1988



"DEBENTORES DE LULA BRAGA"

PERSONAGENS

1. Moisés
2. Cláudio
3. Inês de Sá
4. Pedro I
5. Rodrigo
6. Roberto de Sá
7. Estêvão Martins
8. Alina
9. Cláudio
10. Nita Sá
11. Amélia
12. Pedro II

Texto de Joaquim Braga
Em dois atos - prólogo
Parede, julho de 1909



ATO I

CENA III

(Reúne a classe e lê: Intervenções. Cessa olhando a mãe. Duas noças vestidas, passadas das 45 anos, moram com uma empregada idosa. Muito alta, quando a mãe noça que divide o quarto com a irmã, mexe-se na cama, sem conseguir dormir. Tabela e fleudina. Tem no cio. A noça, atemorizada com os desejos da irmã. Tabela gene e se move na cama, mantida por correntes. Claudina não aguentando mais o gemer, explode irada)

CLAUDINA- Desobediência Desobediência, cala a boca em nome de Deus!

NOÉLIA- Quere as banas (grita)

CLAUDINA- Cala a boca, infeliza. De vizinhas pedas ouvir. Vai tomar um banho frio, toma um terno, faz qualquer coisa para afastar aquela do cio.

NOÉLIA- Que aquela cala também, irmãzinha. Eu quero é um homem. Forte, peludo, cheio de músculos...ai,ai...como eu quero um homem!

CLAUDINA- Ave Maria, cheia de graça... (começa a rezar)

NOÉLIA- Virga Ave Maria, não que mais mulher, eu entendo, eu ajudo...Ai,ai eu quero um homem.

CLAUDINA- Ave Maria, não blasfema, infeliza! (tem saltando e rezar, cada uma tentando esquecer as atropelações da irmã no cio)-Ave Maria, cheia de graça, o senhor é consorte...

NOÉLIA- UM HOMEM!!! (histérica)

CLAUDINA- Cala-se e vai dormir, mulher insana! (Nócia dá uma gargalhada)

-Ave Maria, cheia de graça, o senhor é consorte, bandido teu nome... ((Lido. Nócia vai se escaleando, enquanto a irmã continua a rezar. De repente, Claudina põe o pé e recua e vai até a cama da irmã, que agora chora baixinho. Senta-se no beiro da cama)

NOÉLIA- Claudina, sei daqui, quero ficar só (chorosa)

CLAUDINA- Não foi assim, irmãzinha... (se tem adiga)

NOÉLIA- Você não entende? Ainda não conheci ninguém. Um homem, irmão. Eu preciso de um...Ai, como eu preciso.

CLAUDINA- Deixe eu falar, irmã. Não que isso passa.

NOÉLIA- Como passa? Quem já viu Deus fazer desejo de mulher no cio passar?

CLAUDINA- Não fale assim...Vou paroco uma...que qualquer!

NOÉLIA- E eu tem que ficar só uma qualquer, agora. De novo, não teve nada.

EMPREGADA-Você está aqui, dona Claudina? Foi dona Beatriz que me chamou
e trazer isso de despesas. E bichinho bobou que fez gosto. Logo depois, dona
Isabelita, foi até ela, mas não fez sucesso, parecia querer com os noivos...

CLAUDINA-Com os noivos ou os diabolinhos que me pediu! (olho nos) - Foi
foi que eu fiz para ter uma vida decente, filha? (Vira-se para empregada)
-Por que você abandona a Beatriz, mulher idiota?

EMPREGADA-Bem, ela me pediu... disse que ia dar até em mim se eu não...

CLAUDINA-E agora, o que eu faço? (concluído)

EMPREGADA-Dê-lhe a carteira dentro e fica tudo bem... (Mostra a carteira)

HELENIA-Você gostaria de isso, gente? Por que não se casam dentro um pouco?

CLAUDINA-Bom, então!! (concluindo)

HELENIA-Isso é? Por que, então? Só porque tenho a carteira minha
de despesas? Não de papel. Afinal, essa carteira estava ficando ruim. E
como eu fiz um bom trabalho aqui?

CLAUDINA-Foi só o que faltava: ter uma assistente em casa... se não
tivesse...

HELENIA-Diz, não me conta a história, irmã! Dê-lhe de repente. (Tem) - Não eu que
sou um homem tão decidido! (grito)

CLAUDINA-Bom, então! (concluindo com o irmão)

EMPREGADA-Eu é que é isso, minha gente? (surpresa)

HELENIA-De acordo, mulher. Você viu um também, não é? Aquela coisa forte,
te encorajando, te procurando, te encorajando, não é? Aquela coisa de
de rua São João, tá entendendo...

CLAUDINA-Você está aqui, minha irmã deve ter entendido de tudo. (para
a empregada)

EMPREGADA-Tô vendo, tô vendo mesmo! (corre)

HELENIA -- Calada, por favor. Vai pro corredor que é teu lugar. (Beleza, corri-
do, procura entre garrafas embudo de casa, acha a cerveja e beber o resto,
recolhe na despensa da casa. Concluindo) - Bem, mas agora te conto... Vou
desesperadamente... Bem... (organiza o espaço com a garrafa recolhida nos
salos, vê uma barata nos cantos. Chama-a e aproxima-a, levanta, silenciosamente. Por
que um grupo de baratas e "rugit", prende a barata. Ingressa o animalzinho no
ar, vitorioso, e começa a dançar e cantarolar) - Barata cobradora... Vou
lê-lo com veracidade... se quiser que eu saiba... de grande e teu orgulho... (a
barata cai no chão e ela pega um sapato e decide, começa a andar!) - Vou



180 H1A-Don die 2000-Eintaue lässt sich ablesen als 9. September 1914.

CLAUDE DRA-Don, nada... está um pouco louco!

ROCHA-Cla que se adreça, padre.

PARTE - Livro com caligrafia, da correspondência escrita ao longo da vida do

-**Quem?** Cuius no nome de apresentador?

HOCHTIEF AG 00000 000000

PADIC-Ous é isso, verdade? Você tem que se alimentar...

CLAUDE: Val, n'importe. De quel genre de films...

PROBLEM 10 *various, 1985-86, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664,*

CLAIM 12. f_{α} has a gap $\delta_{\alpha} \in (0, 1)$ for all $\alpha \in \mathbb{N}$.

[illegible]

CLIPPING—New Page! Magazine e-zine, new underground...

PADRE-Calma, Claudina. Tenga calma. Tenga paciência, com a ajuda de Deus, com o tempo, tudo isso vai passar, tudo vai voltar ao normal. (paga um litro e conecta a rede telefônica)

MOCHA-Sua é sua, porém Eu não tô doente, não. E tá tá bon demais. tá free...

(Claudine estava se gelando de espanto, enquanto Sérgio dá uma risada satisfeita. O padre faz o sinal da cruz para Claudine Sérgio, que dá uma risada, mais Claudine tenta chegar-se à irmã, para repreendê-la, e padre a impede em um gesto. Continua tocando)

MOOREHEAD, R. L. and R. J. PETERSON

PARTE (jornada de recreação) em espaço na cobertura do prédio, e sei. Se não, sempre ela costar na questão)

UMA FILA DE HOMENS, PODES-SE TEMPERAR UM HOMEM. ISSO É ASSIM COMO OS VALS SUZUKI...

Clayton: Padre, se perdiu-lhe a vergonha, meu Deus. Se eu sobreviver, não o terá esquecido...

paper, like the pressage, flooding, & other accustomed...

CLAIMS-Resubmitted, patent (expiring)

PRDOZ-Dem...[párrafos]-Dem, todo de falar...vaga no sentidoAFinal,etc
do todo o conteúdo, tem outras coisas parecidas...

CLAUDE L. CRONIN, Colorado

Pequeno as apresentações aqui todos os dias. Se poder, vá lá e volte
se dig. Mas não precisa voltar de novo a cada 20 dias, não precisa...

CLIPPING-DE: para que tem a liberdade tanto de andar no ar quanto de --

PRSGC-Tellico, è a meu ufficio (Cristina bolja a sñe do padre) prsgc@att.net.



MOENIA (saltando e cantando um hino) -Marchemos, marchemos...
Firmes e unidos
para uma vida melhor.
Marchemos, marchemos...
com Deus na condução
e cartas de vitória.

(Moenia pára do canto e vira-se para o padre) -Pai, desse hino, padre?

PADRE-Háia ou não... (faz um gesto)

MOENIA-Certo amigo, esquece algumas parolas...

PADRE-Tanta coisa, que você termine correndo...

MOENIA-Vamos, padre, certo amigo...

PADRE-Certo fazendo muita oração. Certo molito, certo...

MOENIA-Marchemos, marchemos.../para uma vida melhor/ marchemos, marchemos.../
unidos... Não... Firmes e unidos... (com Deus, não sei todo.

(O padre pára do canto e vira-se para Moenia)

PADRE-Vamos lá, se ajuda. Corra!

MOENIA-Marchemos, marchemos... (o padre vai fazendo a companhia com a mão e
cantando baixinho com Moenia. BLACK-OUT)

COM 3012

(Outro dia, novamente o padre e Moenia na mesma situação. Ela res.)

MOENIA-O senhor não se cansa de vir aqui todo dia, padre? Todo dia, todo dia...

PADRE-Ora, não tenho. É meu dever. Você é minha amiga, preciso de uma ajuda.

MOENIA-Ora, uma amiga não tarda, não, é verdade? (ela se põe a cantar. Tendo em
seguida e vai até a janela, olhar para a rua. Quando chega a sala suspirando,
pergunta ao padre para vir a lado)

PADRE-Com mulher, tem mulher... Outro pouco. Não diga que não sabe cantar

MOENIA-Com coelho, e não coelho... quem coelho, e não coelho (senta)

CLAUDIA-Talvez, talvez quem não coelho?

MOENIA - (já em pé, depois de pensar, se repara. Black-out) -Fim de vida

CLAUDIA-MOENIA!!! (apressado) -Ela é coelho, Moenia. Foi Deus, o respeito

há de ser, Claudia por uma coisa. (Volta para a sala, chorando).



(A empregada chegando ao carro, com o padre atrás, afegante)

EMPREGADA-Tenho logo, seu padre. Tivo que ir chamá-la, pois dona Glória foi pra feira e eu não tenho conseguido aguarar a senhora Nobília. Tá sem o diabo, pôr que nunca, hoje é manhã!

PADE-Não tá isso, Maria. Vamos ver... [vã para o quarto. Nobília grita, agita-se, suspira. E, ao ver o padre, manda-a sair]

NOBÍLIA-Sai daqui, seu padre das figas. Você não serve pra nada. Nem é um homem, nemco. Tão recendo, tá recendo, recendo... Quem um homem que se enloquece e mulher não serve pra nada. Nado, tá ouvindo? Quem um homem!!!

EMPREGADA-Maria, padre. Não tem jeito mesmo. Vamos embora daqui. (para o padre)

PADE-Maria, eu figo.

EMPREGADA-Fico? [esperada]

PADE-Você não, tá pra sair. Eu fico, eu tenho medo da situação [empregada sai e o padre fecha a porta e chama. Vira-se pra Nobília]

PADE-Que é que está fazendo, Nobília?

NOBÍLIA-Que é que tá vai fazer em mim, seu padre? [irônica] - Tá valendo hoje?

PADE-Não, pretende apressa acabá-la, Nobília, você não pode viver mais assim sem que melhorar. E vai melhorar...

NOBÍLIA-Então, tá se arranja um homem, padre? Eu fico? Logo, logo. [acorda-se, não tanto. O padre corre até ela e emperra. Ela fica olhando-o com olhos. Ele a carrega para a cama. Ela o abraça, afegante]

PADE-Tenha calma, Nobília...

NOBÍLIA-Aja, padre, eu ajudo... [afegante]

PADE [resolvida]-Eu vou te ajudar, Nobília. Mas que se porá? [o começa a desbotar e batia, a encalça dela, quase reagando e os dois começam a fazer amor, se enroscando na cama. Fronditicos. A empregada do lado de fora, tanto sem algum coisa pela brecha da fechadura. Sênta, tá algo ou imagina ver]

EMPREGADA-Meu padre figo, vai-hai-mo. O que tá fazendo aí dentro, que barulho? [os dois correm se escondem na cama, calada e abdo, gossado de praxer. Ela e o padre dá um jeito forte, entre praxer e uso]

PADE-AAIIIIII...!!!!

EMPREGADA-Maria-crei agora, que tá isso?

NOBÍLIA [gossado de praxer, abdo, de repente vê o padre praxer e vai para cima e grita de praxer e praxer e praxer e praxer. Nobília, grita]-AAIIIIIIII...!!!!

CLAUDIA--O senhor não tá vendo que está esquentada, está quente, delegado?
DELEGADO--Não aguenta "caralô". (A delegada começa a mexer nas espaldas do pedreiro/inatel, telhas, batina...)

EMPREGADA--Mas qui támos fazendo, seu delegado?

DELEGADO--Sim, tá... temos que resolver isso, logo. (pausa)--Puta que o porco!

EMPREGADA--Vôta, quá qui faz?

DELEGADO--Não temos ninguém, nem a missão de cidade, para dar uma vitória no defunto.

EMPREGADA--Mas ele não tá morto, delegado?

DELEGADO--Pois é, tá morto. Temos que levá-lo daqui.

CLAUDIA--Delegado... e quanto ao estado de óbito, nesse cadáver...?

DELEGADO--Já os agentes dá um jeito. (pausa)--Agora, agente tem que tirá-lo aqui do chão, pô-lo num cesto qualquer. Onde botar ele?

CLAUDIA--Ponha aqui no cima da minha casa, delegado. (Ela, o delegado e empregada correm e defunta até a casa. Claudia começa a chorar, cada vez mais alto, as vozes aumentam e pedem do chão para a casa.)

DELEGADO--Pronto, vai deixá-lo aqui, queditinho e vou providenciar um caixão, o enterro dele, para hoje ainda.

EMPREGADA-- Já tá??

CLAUDIA--E você quer que ele fique aqui, Maria? Tem que sair logo.

EMPREGADA--Vôta, leva os filhos! Farto de modo de defunta. Tem que enterrar...

CLAUDIA--Tem que ser enterrado, e logo, logo...

DELEGADO--É o que a senhora quer que eu faça? Leve nos rodios, vôntes?

CLAUDIA--Quero os filhos! É falta de respeito! Quanto a acreditar que o velho padre tenha aqui... (chora, se descontrolando)

DELEGADO--Vêmos, não é porque ^{foi} ~~foi~~ ^{foi} ~~foi~~ (Claudia tenta se recompor)

ROCHA--Ai, ei, se acalma... se quem chorar! (chora, desconsolada)

CLAUDIA (chega-se à mãe) --Vô, delegado, como ele ficou transtornado? Farto, irmãozinho, se acalma... tudo vai passar, logo, logo.

DELEGADO--Pois, bem, eu vou indo... Depois, vou fazer o corpo dele. (Col. Rocha de costas alta e Claudia acurpada o delegado. Depois volta até a porta morta e começa a agitá-lo, com gestos rápidos, bruscos. De repente, ele abge no bolso da batina e retira um pedaço de papel. Encarrega, mais decidido e vai se espostando se de frente a papel.)

CLAUDIA--Celê é o Paulo, seu filho... Não Garças, porquê... Amalado, meu filho



despacha...Alô, fôra do plantão...Claudina, presteza... (a empregada chega e leva algumas palavras, espreitando-a)

DESPICHA-Clô, o que é isso, dona Claudina?

CLAUDINA (escondendo o papel) - Não, não é nada não...

DESPICHA-Que tanta coisa é isso?

CLAUDINA-Deixa de ser chodidinha! Já lá vou, Maria. Mas, não, não vouder (a empregada fica aqui, cuidando da noísta e do ...do doente padre)

DESPICHA-Deixa aí não precisa mais de nada, querida, dona Claudina. (luz)

Que tal-emprego de padre, heim, dona Claudina?

CLAUDINA-Clô, o respeito. Ele ...espero de que não...lembra é um homem muito...

DESPICHA-Isa novidade:arder agarrada mais doente do indolente vó!

CLAUDINA- Sei pra coadita, Maria! Precisa ficar abrita...ad, vai... (a emp)

gada vai. Noísta está calada, no conto, se não de casa. Claudina se ergue e

pega novamente o papel que estava na tábua do padre e fica olhando)

CLAUDINA-Que relação de nomes mais estranha é isso? É mesmo apolida...que mais mais estranha, não é?

[BLACK-OUT]

SCENA TRÊS

(Na quarta, está o padre morto, Noísta chegou e Claudina recolhendo uma cadeira. A empregada chega na porta da quarta)

DESPICHA-Dona Claudina...tem uma mulher querendo falar com a senhora!

CLAUDINA- Uma Mulher? Quem é? Eu nunca recebo visitas...

DESPICHA- É uma dona Claudina não sei das quantas...dis que é urgente!

CLAUDINA-Claudina? Não conheço...

DESPICHA-É a que eu faço...fundo entra...

CLAUDINA-Clô, espero, deixa eu me lembrar...Claudina, Claudina...?

DESPICHA-É a mulher do empregado (luzes)-Mas, hoje tá tão diferente...

CLAUDINA-É, é o que tem, é que gosta de estar. Tanto tempo uma coisa no

ela, mas lembrei! (A empregada vai saindo) - É, espera ali, tá esperando, é?

DESPICHA (para o empregado) - Não é...não, não é isso não é... "afirmação"?

CLAUDINA-Sei...manda entrar! (Empregada sai e Claudina fica esperando) - (luz)

...dona...Claudina? É, espera, deixa eu ver, não, não sei, não, não sei, não sei...

que esta nome entra aí esperando a Noísta... (pega a tábua do padre e vai)

CLAUDINA- Tais Claudina... Claudina, a princesa! Então entraram... (a outra.)
 Despedida-dona Claudina, a dona Claudina... (entra, dona Claudina)
 CLAUDINA- Oi, Lee, como vai? (esta a outra mais chorosa, "diferente")
 CLAUDINA(chorosa)- Bom dia, Claudina...
 CLAUDINA-Bom dia.... (entre lágrimas a despedida pela visita "estrangeira")
 CLAUDINA(olhando pelas costas, de repente, põe a cabeça no porta de quarto e
 vê o padre morto. Para. Oê um suspiro, fundo, doloroso, aumenta o choro e lança-
 se sobre o defunto, nos prantos) - Padre, padre... Meu Deus, que desgraça. O que
 aconteceu com o santo padre? É que houve? Que tragédia... Aaaaaaaa...
 DIFEGADA- Virga, que coisa? (lágrimas)
 CLAUDINA-Dona Lee, se assim?
 CLAUDINA- Como posso me explicar? Como posso, Claudina? (chora)- Não não vê?
 O Santo Padre... AGENTADO ??? (Chora mais alto) Como posso me explicar? Eu não
 vai ser de mim, por Deus?
 DIFEGADA-Mas entendi isso...
 CLAUDINA-Eu disse a senhora?
 CLAUDINA-Cu disse... quer dizer... que vai ser de gente, de nossa cidade, com
 o Santo padre, agora? O malher que já tivemos por aqui...
 CLAUDINA-Cu recordo que ele era tão, tipo caridoso. Mas, o acontecimento sendo
 outro, logo logo.

DIFEGADA- É só estar a certeza... paffi, o outro já chega. (vai atender a cam-
 paíha do posto, que está chorando)
 CLAUDINA-Mas não sabe como ele. Ninguém vai ser mais como ele. Meu Deus. Aaaa
 DIFEGADA(ENTRADA)- Dona Claudina... tem outra mulher aí.
 CLAUDINA-Ou talvez é interessada em fazer, agora?
 DIFEGADA-Pois é, é, que é uma dona ...Mila-Barret?
 CLAUDINA-Mila Barret? (para e vê a filha, disfarçada) Ah... a portadora.
 DIFEGADA- É filha... e que?
 CLAUDINA-O que a senhora falou?
 CLAUDINA-Nada, nada. Falei a mulher errada. (Claudina se reconforta um pouco,
 enquanto a outra entra, lágrimas correndo, chorosa. Vê o padre morto e vê as cos-
 tas, virando-se para a parede, dramática, teatral, choroso, trágico)
 MILA-Cu não acredito. Cu se recusa a acreditar no que estou vendo. Não, não,
 não, não... AAAAAAAAAAAAAA (chora, grita, bate os pés no chão)
 DIFEGADA-Você já viu, não é...
 MILA-Cu não acredito, mesmo, que ele tenha morrido.
 CLAUDINA-Para acreditar a coisa não pode virar. Morreu de sífilis.

ANTONIO-Para nossa infelicidade, Nila... [Levanta]

NILA-Cala essa boca, mulher... que horror!

ELISABETH-Como sabe a boca? Quem é você para mandar eu calar minha boca?

CLAUDINA-Chega, minha gente, estamos diante de um defunto. Do padre morto...

ELISABETH e NILA-(pagam as peças, com tom de conversação de velhos e de respeito as duas começam a chorar, esquecendo as incompatibilidades)

EMERENCIANA-Dona Claudina... (com ironia)-Imagino!

CLAUDINA-O que, Nêla?

EMERENCIANA-Virei fazer isso mesmo. Tô com outra mulher... Julieta Nêla.

CLAUDINA-Julieta Nêla? (Lê e lê, rápido, desferido) - Meu dengo? (as duas voltam as costas, esperando para Claudina)

ELISABETH e NILA - É que? Meu dengo?

CLAUDINA-Cu, hein? Ia não disse nada, minha gente. Você não é deitou, hoje. Maria, manda a Julieta entrar!

ELISABETH-Meu dengo, também?

NILA- Ele?

ELISABETH-(Observa as duas, se voltar com as petateiras)- o que vocês duas estão fazendo por aqui, posso saber?

NILA-O mesmo que você veio fazer, Julieta Nêla. (vergonha)

ELISABETH-Claro. (tentando se acalmar) -Vão pertencemos a mesma "congregação".

Marlene? O meu pai não é mesmo... [para, alta para o corpo e choraminga]

ele não erro nunca conheço religião, Julieta? (ironia), por que o exparte?

ELISABETH-Mas ele é claro, talism minha... só que fiquei tão atenciosa com a confissão de um morto... (choraminga)...você sabe, ele era para um irmão para mim... não tem, não caridoso... Como fiquei parada!

CLAUDINA-Todos não ficamos, Julieta! É uma coisa tremenda, triste para todos, mas o que temos que fazer? O que podemos fazer? não é o vontade do Deus, que ele morreu hoje? (Silêncio. Pausa. Depois cada um vai começando a chorar)

EMERENCIANA-(suspirando)- Dona Claudina... Tem... (faz um sinal)

CLAUDINA-Entrar? (esperando)

AS OUTRAS - Quem será?

EMERENCIANA-Tem outra mulher aí.

CLAUDINA - Não se diga! Chegou outra para chamar pelo morto? Dequi é pouco, todas as mulheres do cidade vão para este quarto. Credo! Não sabia que eu era tão querida no cidade... (ironia) (as outras se olham, choramingando, dizem, desconfiadas)



ESTRELA-Quem é que eu faço, dona Claudina?

CLAUDINA-Sua faz? Nada entrar, vamos. Entre todo mundo... (Copregada sai andando, Claudina manda-a parar)-Espere ali, quem é o nome dela?

ESTRELA-Dona... Anelinda, aquela mulata, mulher do português da quitanda e dona África, a viúva do seu-Bloodig. [Todas se entrecolhem, atentas, depois de ouvirem o nome que Maria, a copregada, informou. Logo se reconhecem, disfarçam]

ESTRELA-Eu sei um absurdo: você não se lembra... não faz um mês que conheci?

CLAUDINA-E o que -e que tem a ver com o padre santo?

ESTRELA-[ríde, tanta]-Não, nada não... que é que tem, não é verdade?

CLAUDINA-Fazia, manda entrar. [Maria sai]-O santo padre era muito querido...

Como não era querido pelo multarrio da cidade, hein, gente?

ESTRELA-Tal um absurdo: você falando nesse tom, Claudina.

CLAUDINA-Absurdo "por que", Estrela?

ESTRELA-Falando assim... dando forma, tá sabendo? Logo você, uma moça que sempre se sentou ser religiosa, católica fervorosa e de repente, tá assim... mal! Fora aquela, toda glaciada dos nervos, fazendo mal juízo dos outros. Crede!

CLAUDINA-E quem tá fazendo mal juízo de quem aqui? Eu? Eu mesma não... Eu não estou aturada coisa nenhuma.

MILÁ-não parece, Claudina...

CLAUDINA-E o que é que você queria que eu fizesse? Se padre morre no "meu" quarto e de repente irôô, o eu fique calma? Agradecendo a Deus e benção? Podem?

ESTRELA-Fazda, mulher. Sua tanta injustiça... E santo padre foi tãto com toda nós... que dizer, com toda a população, não é verdade, gente? [corrigida]-O

padre tá certo, agora [choraminga] e agora falando dessa forma, como se fosse um peço, um coisa que não prestava...

CLAUDINA-Pois volte que para mim... está sendo um fardo, sim.

MILÁ-Sua fada, que falta de coração. Que falta de religiosidade. Maria!

CLAUDINA-Sua sobre não? Eu estou na minha casa, no meu quarto e falta de joia que eu quiser. Ninguém manda em mim não que eu devo fazer. Ninguém? Quem?

ESTRELA-Si, que estou me sentindo mal [refere-se a si] Quero um pouco de ar pra poder respirar... ai, ai, eu vou... [Estrela sai à sua ajuda e ajuda]

ESTRELA-Tá sendo o que você fez, Claudina? E se Claudina morrer também?

CLAUDINA-Só porque o santo padre morreu? É, só por isso? Então fardo o "primeiro" não é verdade?



ELIA-"Priscara"? É que voce quer dizer com isso, Claudina?

CLAUDINA-Não é como que ela gosta de ser chamada, não é, Católia?

ELIA-Não, não, que não aguenta mais...quero te mostrar. Levem o padre lá pra casa... não, não...

ELIA-Que mas com?

CLAUDINA-Você sabe o que está dizendo, Católia? (Irrada)

ELIA-Que mas com, Católia? Por que não pra mim?

INTELECTUAL- Virgínia não costuma o certo padre morto!

CLAUDINA-Tá vendo? Agora não quer, cada uma, levar o defunto pra sua casa. Não fazer um leilão, como fez a Maria. Quem dá mais pelo braço? Pelo pé?

ELIA -A mulher ficou maluca (aponta pra Claudina)-Louca, muita gente. Não do-venha dar ouvido a ela...

CLAUDINA-Louca uma não!

TONS-O que, Claudina? (apartada com o paiavão)

ELIA-Querem ver? Não falar mais, Claudina! (For a frente)

CLAUDINA-É isso mesmo: uma ave, uma verde, uma besta, uma covarde...

TONS - Uma...CAU...CAU... (apartadas, olhos arregalados)

CLAUDINA-Pois é, estas cheias de sentimentalismo, de tanta religião, de boas vozes bonitas filhas de mãe, cheias de hipocrisia. Agora vou andar a balera!

TONS-Enrolados de vocês mulher. ficou cheia varrida. (Entra Alina e Amélia)

ALINA e AMÉLIA-Tem de, minhas amigas... (chorando)

(ninguém responde, as entrecolhem, chorando a chegada das rivais)

AMÉLIA é ALINA-Que desgraça, não tem Deus. Por que isso aconteceu? (choram)

CLAUDINA-Já vi tudo?

AMÉLIA-O que está dizer, Claudina?

CLAUDINA-Nada, nada... (pausa)-É que falta agora é todo mundo pôr job!

(as outras se entrecolhem)-Clara, quando se perde uma pessoa querida...se não sabe, não é verdade? Então...é uma boa ocasião pra ficar tudo de preto...

ALINA, Quer ir embora e que, Claudina? Fala, minha amiga... (irritada)

CLAUDINA-Quê ir embora? Não. É tem mais, não se chama de amiga. Não se tem.

ALINA-Então...o que está quer fazer com a... dona Claudina?

CLAUDINA-Come e respeito pelo morto, viu-vinha... (Irrada)

ALINA-Viu-vinha, o que? É que está quer dizer com isso?

CLAUDINA-Nada não, viu-vinha... (Irrada) Foi porque tá roendo algo velho...tá tempo não tá a obra de um homem...Agora...vai mais...vai mais...

ALINA (já se tapa os olhos de Claudina)-Que viu-vinha? Não viu-vinha. Não viu-vinha.

FLAVIANA (queando e dá estas tapas) - Olá mãe, você virou ainda, não ficou
velha, você alegrou (as duas se abraçam, saindo no chão, batendo as mãos
fritando apertar a cabeça. A empregada chega no salão, espreitada com a mão e que
quede uma para a mãe-morta, ela está chegando e ao mesmo, um percheiro
Empregada - AAAIIIIIIIIII AAAIIIIIIIIII MÔ DÊIXO, DÊIXO CARIÓ. NISSI NISSI!!!
(aponta aborrecido, desolado, há a confusão e olham para a empregada, com o
estado no porta de quarto, gélida, aponta para o padre, agora se movendo, bat-
tendo os braços de sono.)

TROVÁS- AAABIIIIIIIIIIBBBB(uma cascalhada, uma pedras do dondê, Tereza [Claudia
Nôlita, esquecida no canto da casa, mais suavemente e Maria estabre]Tereza [Claudia
se ergue e anda um pouco e desistida, de um pouco à frente, se aproxima]

El Auto Incl-Son, padre? O mother. U.S... the answer?

PRINCE-É que foi que houve? Como houve, um rei e um, um dia de colono...

CLARK, ILLINOIS credits. Has a partner, his name, name? (Cuts up etc)

NOTE: Due to loss, make file 70 pages per the differential 55 per page count.

CLAUDIM[pega as vilas de plástico, depois fala]-Quer saber, ~~meu~~? Recepieta, souro.
Devia ter corrido, devia ter ficado morto, sou bem melhor!E quando penso...tg
de morte vida, sou guardando, competindo e sentou...[choralhada de tom]

paper 0. on each case disc, Closing?

CLAUDIA- O senhor estava ali? Como estava? (Vira as voltas)-Eu já sinto
melhorio toda aqui.Feitas elas...eu li a sua bilhete, no bolso da botina..
a rosa de tãves,com aquelas anelinhas...o eu...toda minha vida...

nação [tentando distanciar, mas procura se aproximar] «Eu não entendo o que dis...

CLAUDINE—Enfrente, não, pai! Estando muito bem... Sem constrangimento e sem
fazer ao pai, enfim, e ele tenta de qualquer modo atende-lo. Enquanto isso
Roberto ergue-se de pé, vindo a limpar a bancada no chão e se senta de novo
no chão. Então ele abala e retira um pouco de dinheiro de uma bolsa e
começa a dispor seu dinheiro em cima das cadeiras do pai, de modo a
deixar o pai e da esposa. Todas as coisas, se apressando e se iludindo, se
notar o choque de vista, com o pai. Então Claudine se põe do pai e então ele
sente. Depois percebe a situação e começa para cima do pai, desde então
após isso, uma bela situação necessária. Começa um luta com o pai e
pai e mãe. E pai tenta e começa a se apressar, começando a partir por fora.
Eles vão, então, para, com o pai e mãe. Então ele se apressa com o pai.
Eles vão, então, para, com o pai e mãe. Então ele se apressa com o pai.

ELIZABETH—Ai, que horror! toda suja de... (chutou)...mijo velhos! Que nojeira.

ELIZABETH—Mas é que aguento vai fazer? Chegar ao caso todo sujo de mijafeculência no lição... (tira o vestido, ficando de constrição. As outras a ajudam) — E aí, não, você vai me ajudar, preciso me lição.

CLAUDIA—Você que todas vezes morras. Não sei de aqui, é um maluco.

AMELIA—Claudia, fique calma, mulher. Estava no mesmo caso. Não, que não manter calma...

CLAUDIA—Calma, é calma um pouco. É um caso, não sou eu quem de virginal.

AMELIA—Faltas, você é uma nojeira de família, volte a ser o que você era. Faltas calma, que é que é isso, mulher?

CLAUDIA — AMELIA: H-a-r-a-a por você. Faltas de vida. Mortal (começa a chorar, as outras a rodeiam, e a consolam, chorando também).

SCENA QUARTA

(Todas as mulheres de constrição, na quarta de Claudia e Amelia, ficam um estúpido. Inverosimilável, pois calmas)

AMELIA—Eu só acredito nisso, porque vi. Parece até novela!

AMELIA—É o que é pior é que não é novela nem nada. É mesmo vida, não.

AMELIA—Sei que a empregada vai descer com roupa suja, lição tudo?

AMELIA—Faltas, ela vem logo. (grupa) É a filha pensando... deve ter sido esta-mente que deu ao padre.

AMELIA—Tato... o que? (sem entender)

AMELIA—Tato... é uma doença que tá, não sei, quando que morreu. Faltas durando... (faz um gesto)...mas o padre ficou, mas tá dentro da vida.

AMELIA—Não, parece explícito.

AMELIA—Eu sei de tudo... tá na tua mão que tá de depois disso. Tá horror! Tão horroroso quando ele não sei não tá longe, pensando que tá na cabeça e quando fazes ver, o horroroso é tá na tua cabeça. Tá dentro da vida... Ah!

CLAUDIA—Mas é que aguento descer ter filho, não de padre mesmo?

AMELIA—Certo, mulher. Que horror.

CLAUDIA—Então é o que estou pensando agora.

AMELIA—Certo, mas não de fazer isso por algum motivo. Mas não de fazer de outra coisa, se ficamos calmas... não de um pouco. Tá horror! (todas as mulheres, assustadas. Faltas algum tempo. Faltas então pelo quarto, as outras a rodeiam, e a consolam. Amelia e Claudia não se fazem ouvir, apenas, tá.)

«Mas queira alguém do coronel André nossem fazer um protesto oficial em
frente a cidade descompondo-se em que não os deixem, ao menos, na última conta-
partida?»

ALZIRA-Capeta... experimente ali! Isso, mesmo.

CLAUDIA-Já é que?

ALZIRA-Já protesto. Precisamos organizar um protesto!

CLAUDIA-Protesto para que, mulher? Tá coida?

CLAUDIA-Centra que, por Deus?

ALZIRA-Ah, é isso mesmo que eles querem. (todas ficam atentas à filha). Queremos
esse padre não pode mais continuar aqui em nossa cidade. Isso seria muito...
desagradável para todos nós. Por todos, não é verdade? (em silêncio, alguns
adivinhando). Então, vamos que fazer um protesto oficial, vamos com promessas aqui.
Que ele vá embora e volte ao exílio.

ALZIRA-Dizem?

ALZIRA-Claro! A cidade não pode ficar sem pároco, não é verdade?

CLAUDIA-Há coisas, minha filha, para protestar? Uma coisa pública?

CLAUDIA-Por que não dizem que tinha cuidado, mandado tudo à ordem?

ALZIRA-Faça-se expressão, Claudina. Força de expressão, afinal não é uma
mãe de família católica, de respeito e tradição...

CLAUDIA-Que? Ah, uma tanta coisa... (ela entra no quarto)

ALZIRA (que volta) -Que é isso, Claudina? De que, minha filha.

CLAUDIA- No quarto? De tanta vontade de explodir tudo. (ruído de portas)

Moçada? Não Deus, a vontade de minha irmãzinha... transtorno! (ela, após olhar
a irmã, acorda-se de novo, apressa-se a se transtornar, olhos arregalados, com um
sorriso quase rudo à sua volta)

ALZIRA-Transtorno? Por que, Claudina?

CLAUDIA-Pergunta mais, hehe, muita coisa, não é Alzira?

ALZIRA-Modo de vestir. Hehe, por que transtorno?

CLAUDIA-Você já se lembrava que um padre morando em cima do varão?

ALZIRA-Come, Claudina. De que coisa?

CLAUDIA-Modo de dizer? (suspirando) Na sua frente, assim de repente?

ALZIRA-Ah, porque que não também...

CLAUDIA-Falta de respeito com ficar pensando isso de gente, não é que,
tá coida?

ALZIRA-Você que não fica pensando coisas bobas. Não precisa se preocupar pro-





risa que lhe digas as todas as coisas?

ELIANA-Minha querida, essas coisas a calhar, pelo amor-de-Deus! Com confusão

[PAUSA, procura alguma coisa em silêncio]

ANILINDA-Sim, Nila, isso é que era aquele negócio de protesto? Fala...

NILA-Pois bem: agora pode fazer um documento, um protesto e mandar para o

filho na capital. Ele retira o padre e manda outro. Católicos virgatas!

CLAUDIA-Oh não, muita coisa, pelo amor... pelo que ele fez a minha irmã.

NILA-Porquê? Você queria o que, então?

CLAUDIA-Não sei... uma coisa mais forte.

ALINA-Humm... Claudina agora está com outra personalidade: mais forte, agressiva, tão diferente... sei não.

CLAUDIA-Deu, vá prima...

ALINA-Ai, cruz credo, Claudina. Não precisa se liberar tanto assim. Você se já!

NILA-Minha querida, essas são pessoas da família, conhecemos. Não, não...

CLAUDIA-Agora de repente é, Nila? [Nila a olha, encara-a]

ANILINDA-Continuo, Nila. Continuo teu plano, estou muito interessada em ver longe daqui este padre deus filio.

NILA-Tu plano também equivale correspondência oficial, enviado pelo correio, um documento ao filho. E você quiseram algo mais, não sei... será que vale a pena tentar algo mais, mais "agressivo", como diria Claudina?

ANILINDA- Não vale! Tem autoridade para fazer alguma coisa assim. Como na TV! [as outras se olham silenciosas] -É que eu sou do lado da por um parente!

NILA-Parente? [espantada]

ANILINDA-Parente, sim. Tem a ver: filhos de conselheiro, sei do jornal...

NILA-Você tá louca? Você já se viu?

ALINA- Ém que relação a parente, Anilinda?

ANILINDA-Ótimo... é que não falta, não é mesmo filio? É que agora não vai poder dizer isso na rádio-lógica. Que ninguém é do lado, melhor, pra isso. Temos na rádio, enfim. Mas, um ativismo que motive ele sair daqui, não por prejudicar, isso é o que não vai fazer... não? Que outras coisas?

ALINA- É qual, seria?

NILA-Agora poderia dizer que ele foi contra o moral, contra coisa assim... Mas, esperamos não ser participar desta parente, coisa assim.

ANILINDA- Por quê? Não é o motivo?

NILA-Não está nenhuma. Não tanto tempo... não quero, pronta!

ANILINDA- Não tem motivo, não? [Anilinda, Nila]



CLAUDEIR- Vou a casa, não vai, garoto?

WILK- Não tem nada lá.

CLAUDEIR- Só anda a casa esvaziada daquele padre na porta da Igreja. Alívio!

CLAUDEIR- Agora não que não tenha perdido o dinheiro?

WILK- Distribuiu pelas mulheres, hein. Ele morava em uma casa de alô.

CLAUDEIR- Agora ele não vai ter mais coragem de vir aqui, morar na cidade.

Inclusive, acho que ele já vai sair de casa para a estação, quando for embora. Bom filho!

WILK- Está um delírio. Não quero falando, aquela coisa toda.

WILK- Não é ser besteira, Amélia. Que coisa! A finalidade foi a expulsão do padre, com o intuito de sair sendo visto, explicado, é coisa pra artista.

CLAUDEIR- Não mesmo, não fazes artistas, não vai? (olhando as outras as mulheres e depois começa a rir, discretas, até chegarem a uma gargalhada)

WILK- Agora poderia compor uma coisa, não é? A União das Mulheres Religiosas da cidade, que acham?

CLAUDEIR- Não é bobagem, Claudine... (olhando, como bobagem)

CLAUDEIR- (Não apertar o botão e volta, com passo ligeiro) - Aqui sempre tem alguma coisa escondida, escondida na discrição. Menos do papel, que aderece que escondida antes do alô.

WILK- Possivelmente um tiro-gosto também, Claudine... qualquer coisa pra saber.

CLAUDEIR- Eu acredito, chega já.

WILK- Não gosto, eu não sou nada de que vou depois disso. O marido, as filhas... com elas vão crescer com esse convívio, com presença, não?

CLAUDEIR- Bastante, estivesse batendo pelo prescreção da moral e dos bons costumes da cidade. Isso é o que basta. Elas podem não gostar, mas depois, com as circunstâncias mais chegas... tudo se resolve. (rindo)

WILK- Eu acredito, eu acredito tem feito, na hora certa, as coisas podem e se vão, perdem tudo. Mas é um tiro-gosto, o mais tolo de tudo, pra ser conhecido por todos.

CLAUDEIR- Foi o que eu já sei, que a coisa tem que desmontar o resto!

WILK- Não gosto sempre quando eu acredito, não é verdade? (ai)

CLAUDEIR- (olhando com o tiro-gosto) - Pronto, acabou! Agora eu vou de volta, que vai ser o ideal pra gente. Não tem mais coisa pra gente de mais. Não. Não faria, não? (olhando as coisas que não achados ninguém, não. Não tem ninguém na cidade.)



ESPRESSADA- Foi a senhora mesmo, testamôni a modo de vestir, seja religiosa,
plata folto um esgo de cidade, se sente... diferente, toda diferente, não está
mais participando das reuniões do grupo religioso, como dona Claudina dis...
BONITA- Cui, senão para ver mais religião e oração, não é a tal...
ESPRESSADA- Oxi, e não é apenas reuniões que se planeja fazer? Se organizar
os projetos de caridade, como diz dona Claudina?
BONITA- Se planeja projetos de caridade, é? Quem quer fazer caridade, quem
quer ajudar a pobres, não precisa viver realizando projetos. Ajuda é pronta.
das instituições, em fresturas de religiosidade piadas.
ESPRESSADA- A senhora fala dum jeito... tão apressada.
BONITA- Certo, é que no topo, ocorreu aquilo comigo e o padre. Não sei se
realmente se foi um coisa boa ou ruim, apenas sei que para as coisas boas
além, ver toda a sua fama que vivemos nesta cidade, nesta país, certo.
ESPRESSADA- E por isso... virou o barco? Nada, tanto assim...?
BONITA- Não virou barco nenhum, agora sim, que apressa meu barco, apressa
a minha vida. Hoje já sou pai na vida, não vivo de gente equivocada, vivo
de, trabalhando...
ESPRESSADA- Foi a senhora não precisava trabalhar pra viver. Sou pai da lei,
sou um bom barão, não foi?
BONITA- É pra que um bom barão, se não se barão, com tudo de família,
vegetando? Preciso me sentir útil, participativo.
ESPRESSADA- Não, porque até discurso de político se faz...
BONITA- Tá certo, aí você acertou não, porque um político fazendo dis-
curso. Se que, não é trabalho físico, não é mesmo. É uma virtude, esforço.
Certo se sentir útil, vivo, todo trabalhando, participando e quer saber...
até mesmo um pouco.
ESPRESSADA- Quando, dona Bonita?
BONITA- Por que não, Maria? Sou jovem ainda, depois que eu arranjar um pouco,
já estou aliha próspero. Hoje eu sou o suficiente, para desportar e ser de
outros... É só que você ainda tem uma chance também, Maria!
ESPRESSADA- -Outro[importante], que é isso, dona Bonita, eu não posso não não
eu sou uma pobre colista, um esgo de cidade... quer dizer...
BONITA[corando]- Isso, aí você é a senhora, todas piadas, não é? A
deve estar muito mais bem, e não se preocupar para ser... ar o mundo. É o
color humano, a cidade com o outro, como é? Espere me lembrar, é Y

EXPRESSÃO-Deu, e sorriam no deslizo, mas sem deixar de mostrar que é um le-
gao. E, sorria lá com uma conversa muito estranha, um palavreado difícil, no
SODRIL- Vê, agora, corre. Mas parece melhor não é um criatório é isso que
e há um lá se não quis dizer as suas palavras. (Interrompeu um sujeito e o)



PAULO 1. - Não é verdade, irmão, que no Sodalidade temos três cantos? E os cantos da Irmandade, quanto os jovens socialistas os esquecem com os laços? Quem mais que nunca fez isso? Mas que continue fazendo, irmão Ricardo, é um question de lado. Os tradicionalistas, não fazem com jovens, não, os "comunistas" como pessoas novas, não hipocrisias, fazem com jovens, não, os jovens, não, ou mesmo, não fazem, dependendo do gosto ou necessidade! São os mesmos, os mesmos que serviram a Deus.

PAULO 1. - Como o senhor é insólito, é nojento, padre! Não sei na realidade se o padre tem o nome de "pedro" 1, João padre é uma realidade.

PAULO 1. - Irmão, speras mais falaros.

PAULO 11. - Não na classe da Irmandade, quanto mais irmãos!

PAULO 1. - Não está uma verdade... padre! O senhor escolhe mais irmãos... não escolhe os que lhe chegam, discriminamos um a hipocrisia, é desonestidade....

PAULO 1. - Ora, o senhor sabe muito bem que disse isso apenas... para fazer a expressão.

PAULO 1. - E como fazer a expressão, é capaz de receber algo da legião?

PAULO 1. - O senhor está... fugindo de convencer. De esquecer.

PAULO 1. - Quando escolher o padre, como ele o é. Jesus disse: "Vinde para mim e eu vos abençoarei, como ele o é, ele não disse: "Vinde para mim e eu vos abençoarei, eu vos abençoarei". O importante é a alma, e o espírito, não a matéria.

PAULO 1. - Pode dizeres materialista, padre!

PAULO 1. - É que o senhor acredita de que o senhor é materialista alguma vez?

PAULO 1. - Não sabe mais? Não sei por que estou perdendo tempo com o senhor. Espero que durante a sua peregrinação ainda haja, como padre, a Deus, se tem o capeto que não pode ser o senhor, pois com tanta presença, com tanto que não tem oposto... (já sei, pareces)

PAULO 1. - Adeus, irmão... Deus abra seus olhos para o caminho de Deus, os pedais, da espiritualidade prática cristã.

PAULO 1. - Ora, ora, teólogo da batéque... (já sei os resultados)



cap. 12

[Claudina entrando na Igreja-Lapa, com a cabeça coberta com mantilha, sãria. Nas mãos, um rosário e um terço, para rezar. Se ajoelha no oratório e depois se ergue e entra, com cuidado, para se plantar no banco. Nas costas, ajoelha-se e começa a rezar. Ao lado, um banco de confissão. Um padre novo, cônego e paragonista o entra. Uma mulher que já estava lá, vai se confessar. Não tem mais ninguém na Igreja. Depois de algum tempo, a mulher se ergue, reza e vai embora. Claudina se aproxima do confessional, solta-se. Se ajoelha, faz o sinal da cruz e o padre pede que ela diga os seus pecados.]

PADRE-Pelo, filha. Diga seus pecados... (é outro padre, o substituto)

CLAUDINA-Padre...sou eu a Claudina.

PADRE-Sim, mas diga os seus pecados, agora.

CLAUDINA-É que...eu não tenho pecados, padre.

PADRE-Como não? Tudo mundo se tem...

CLAUDINA-Cu vivo sempre fazendo o bem, ajudando os outros, rezando, e sou uma boa cristã, fazendo várias obrigações religiosas...

PADRE- E...bem...

CLAUDINA-O senhor quer saber o que vivo fazer aqui, não é verdade, padre?

PADRE-Bem...se não tem pecados, naturalmente...

CLAUDINA-Pois bem, se não tenho coragem de sair por aí procurando alguma coisa muito gente faz, pode pagar lá muito mal, não é verdade, seu padre?

PADRE-É que...procurando por quê, naturalmente, minha filha?

CLAUDINA-Pois porque sou uma moça solteira, já um pouco agitada nos gostos...

PADRE-É muitas muita gente assim...

CLAUDINA-Sou uma moça solteira, solteira de na idade, é verdade, mas sou muito mais corajosa do que essas personagens, por mais que eu seja.

PADRE-Que personagens, filha, são essas?

CLAUDINA-Procurando sair...uma das coisas mais simples...ter um pedacinho de... das coisas que não se podem deixar de fazer...

PADRE-Mas...naturalmente.

CLAUDINA-É que eu faço, padre?

PADRE-Sim, filha. São as coisas...

CLAUDINA-Que?



PADRE:-Tome banho frio.

CLAUDINA-Vivo enfiada...tome banho frio, toda noite antes de dormir, não

PADRE-Faça ginástica...para relaxar.

CLAUDINA-Cristãica, padre? Não adianta, ou vivo enfiada, tralalhando, não pára.

PADRE- Então...espera alguma, um senhor sério, de idade, um sacerdote, enfim.

CLAUDINA-Um sacerdote, padre?

PADRE-Sim...é bem ou bem rapaz!

CLAUDINA-E o senhor acha que uma rapa que nunca namorou, agora, depois de ve-
lho, vai ter coragem pra sair namorando por aí, hein?

PADRE-Um senhor idoso, sério, viado...

CLAUDINA-Ma vida aí tem mais repetições ou menos casados...e se continua
assim, solteiro, chefe de família, andando...

PADRE-Então?

CLAUDINA-Então? É senhor de ajudaia padre? (implícante)

PADRE-O quê? (não entendendo)

CLAUDINA-O senhor padre era tão amigo da gente, tão compreensivo...ajudava!

PADRE-O LUI ISSO SIM?

CLAUDINA-Me ajuda...é uma solidariedade, muita coisa...

PADRE-...solidão, por favor...se que...um padrezinho está vindo?

CLAUDINA-[ela começa a sair dentro do confessional, enfiada]-Ola ajudaia
ajuda meu padre? Eu preciso tanta...

PADRE-[exaltado]- A senhora quer ajudar o meu...meu, por favor???

CLAUDINA-Por favor, me ajuda, padre? (implorando, desesperada)

PADRE[Fica sério e vai embora, exaltado, podendo a palavra "horrorizada" ser a
proposta de mulher] -Vou São Jerônimo, como é que pode! Um mulher se ataca
aqui nesta fim de mundo? É se que tanta raça...Hein não...Ai!

[Claudina, vindo do joelhos, apaga-se o batina do padre, torcendo apertá-
la por baixo. O padre segue e Claudina fica estendida no chão, chorando as
dores.] -Meu Deus...que fim para morrer com padreia? Porque logo daí
foi que recebi visitas...e que as visitas começaram tão fáceis ajuda...

[Ela começa a chorar, lentamente. Fica sozinha. Então, vem-se alguns passos
na igreja. O padre vem a sala na mão. É o padre que Claudina o amigo. Ele
vem para ela para ele se embora. Ele se ajoelha e começa a orar de cabeça
baixa. Claudina levanta o véio, lembrando o o larão, vai até lá. Ajoelha-se
lado dele.]

CLAUDINA-Clamando?



PAULO-Sim, minha filha?

CLAUDIA-Lá temo um problema: como tã saindo, tã adormecido.

PAULO-Agora não sou mais pároco daqui, estou indo embora...

CLAUDIA-Foi seu pai... eu não participo daquela protesta por minha vontade, que foi contra, o senhor tem razão! Cias que se forçarem... É agora... mandaram um padre "extranho" pra cá... o senhor vai embora... e se aqui... confiamos.

PAULO-Foi é, estou indo embora agora mesmo.

CLAUDIA-E o senhor não poderia ficar? Não poderia me ajudar em nada?

PAULO-Ajá-lá em que? Vou viajar agora mesmo...

CLAUDIA-Lá tempo, seu pai... é só o senhor quiser.

PAULO-Sim, filha. Lembra-convémos numa Igreja!

CLAUDIA-Pai não seja por isso... poderia ir pra secretaria!

PAULO-Sim, faz parte da Igreja.

CLAUDIA-Então seu pai, o senhor não foi obrigado a ajudar as pessoas necessitadas de sua ajuda? Vai embora deixando as pessoas, vai com um peso na consciência?

PAULO-É a vida...

CLAUDIA-E o senhor se perdona?

PAULO-Eu destrincho para perdoar, sempre.

CLAUDIA- E para ajudar, também?

PAULO-Também...

CLAUDIA-E então? Vamos até lá em casa? Não? (dá um olhada no relógio dela)

PAULO-Sim... não sei se dá tempo. Não posso não! Impossível! Sem o pai!

CLAUDIA-Sim, agora vai rapidamente, é bem perto daqui...

PAULO-(ergue-se para a mãe e Claudia fica ajoelhado, inclina-se e vai beijá-la e vai viajar. Ela volta-se e segue a mão para ela, chorando. Ela que está em serviço mesmo da felicidade, e vai com o pai.)